

## A trajetória de João Dias de Araújo em tempo de ditadura: do Seminário Presbiteriano do Norte à Justiça do Trabalho

The path of João Dias de Araújo during the dictatorship: from the Northern Presbyterian Seminary to the Justiça do Trabalho

Márcio Ananias Ferreira Vilela<sup>1</sup>  
Pablo Francisco de Andrade Porfírio<sup>2</sup>  
Arthur Victor Gonçalves Gomes de Barros<sup>3</sup>

### Resumo

O objetivo central deste artigo é destacar alguns acontecimentos da trajetória do pastor João Dias de Araújo, ocorridos durante as décadas de 1960 e 1970. Na maior parte deste período atuou como docente do Seminário Presbiteriano do Norte, na cidade do Recife. Atividade que após 1964 foi marcada pela vigilância e perseguição praticada pela Igreja Presbiteriana do Brasil e pelos órgãos de segurança e informação. Neste contexto, em 1970, foi expulso daquela instituição de ensino, tendo dado início a um prolongado embate na Justiça do Trabalho contra o Seminário e a Igreja. Neste artigo utilizamos o método da escrita de trajetória, não a entendendo como algo uniforme, único e linear. Buscamos analisar as rupturas, inconstâncias e deslocamentos na vida do pastor João Dias. Por meio do estudo dessa trajetória, concluímos como tentou se associar a denominação de comunista ao pastor, desqualificando suas ações.

**Palavras-chave:** Golpe civil-militar. Perseguição. Repressão.

### Abstract

This article's main goal is to highlight some events from the lifetime of the pastor João Dias de Araújo, which occurred during the 1960s and the 1970s. For the biggest part of this period, he worked as a teacher at the Northern Presbyterian Seminary, in Recife. After 1964, his teach activity was marked by the surveillance and harassment used by the Brazilian Presbyterian Church and by the Government's security and intelligence agencies. On this context, in 1970, the pastor was expelled from the seminary, therefore he started a long dispute at the Justiça do Trabalho against the Seminary and the Presbyterian Church. In this article we use the trajectory of writing method, does not understand it as something uniform, unique and linear. We analyze the breaks, inconsistencies and displacement in the life of Pastor João Dias. By studying this course, we conclude as he tried to associate the name of the Communist pastor, disqualifying their actions.

**Keywords:** Civil-military coup. Persecution. Repression.

<sup>1</sup> Doutor em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da UFPE, onde é pesquisador bolsista do Pós-doutorado Júnior PDJ/CNPq.

<sup>2</sup> Doutor em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professor CAP/UFPE.

<sup>3</sup> Mestrando em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da UFPE. Bolsista FACEPE.

## Introdução

Segundo o escritor Joseph Frank, principal biógrafo de Fiódor Dostoiévski, as pessoas que procuram ler sobre a trajetória de um grande escritor estão interessadas nele enquanto escritor. Desse modo, a vida privada de Dostoiévski subordinou-se à descrição da sua relação com a história literária e sociocultural (FRANK, 1999). Esse é o ponto de partida para a análise da trajetória de João Dias de Araújo, reverendo da Igreja Presbiteriana do Brasil. Neste artigo, escolhemos apresentá-lo, predominantemente, por seu lugar social, investigando os cenários políticos no qual transitou e as relações que estabeleceu naquela instituição.

Apesar de sua vida privada não ter sido o objeto principal deste artigo, deve-se ressaltar que o cenário macrossocial em que João Dias de Araújo transitou não é tomado como determinante em suas escolhas. Não se abandonou o micro e sua dimensão individual em função daquilo que se chama de contexto. Não há ainda uma contradição dessas diferentes escalas de análise.<sup>4</sup> Existe uma tensão e por meio dela procurou-se estudar as escolhas e ações de João Dias de Araújo (REVEL, 1998).

Parte da trajetória do nosso biografado ocorreu sob o governo militar instalado no Brasil em 1964. Esse regime ditatorial instituiu dispositivos, para utilizar um termo de Michel Foucault retomado por Giorgio Agamben, que tratam de uma rede de práticas e mecanismos linguísticos, jurídicos, técnicos e militares,

operacionalizada no jogo do poder para orientar em certa direção, condicionar comportamentos e bloquear ações. O dispositivo tem uma função estratégica concreta e se inscreve sempre em uma relação de poder (AGAMBEN, 2009).

No caso da ditadura, essa função liga-se à vigilância, à eficiência do controle social e à repressão; mas, também, ao combate em torno da verdade a ser estabelecida por meio de um conjunto de regras que confere efeitos de poder ao verdadeiro (FOUCAULT, 1979). A ditadura produziu condições de funcionamento político e social, nas quais se definia o que poderia ser dito e quem estaria qualificado para se pronunciar, atendendo a determinadas exigências (FOUCAULT, 2006).

Este artigo procura investigar como João Dias de Araújo e a Igreja Presbiteriana do Brasil atuaram na maquinaria autoritária instituída no país em 1964. Essa maquinaria não deve ser entendida como um aparelho monolítico de eficácia plena. Ou seja, que todos foram integrados à sua engrenagem e sendo aqueles que ficaram de fora considerados como os resistentes, tomados como marginais ou rebeldes. Demonstramos como João Dias de Araújo atuou, realizando negociações, apropriações, composições e deformações. Assim, em cada momento de sua trajetória abordado neste artigo, buscaram-se as posições ocupadas por ele, procurando identificar essas práticas supracitadas. Neste caso, inspiram-nos as considerações de Pierre Bourdieu, em seu clássico texto sobre a *Ilusão biográfica*, no qual afirma que os “acontecimentos

---

<sup>4</sup> Estamos dialogando com as reflexões realizadas por Jacques Revel para quem a variação da escala de observação não significa mudar o tamanho do objeto, mas modificar sua trama e o conteúdo da representação.

biográficos se definem como colocações e deslocamentos no espaço social”, e não uma série única de acontecimentos sucessivos

(BOURDIEU, 2000, p. 189-190). O único fator constante nessa trajetória é o nome próprio.

## Infância e juventude

João Dias de Araújo nasceu na cidade de Campinas, São Paulo, em 5 de maio de 1930. Seu nome é em homenagem ao seu avô paterno, João Pedro Dias, responsável pelo trabalho missionário protestante no estado de Mato Grosso e na consolidação do presbiterianismo na cidade de Cuiabá. Após quinze anos morando na cidade de Cuiabá, a família de João Dias de Araújo passou a morar na cidade de Caetité, distante 654 quilômetros de Salvador. Em 1949, João Dias de Araújo retorna para São Paulo, momento em que inicia seus estudos no Seminário Presbiteriano de Campinas. A pedido da Missão Presbiteriana Central do Brasil, durante suas férias do seminário, auxiliava seu pai, Augusto José de Araújo, no trabalho missionário em Caetité e nas proximidades. Em 1952, ao concluir seus estudos, é designado pela mesma Missão para assumir a função de pastor na cidade de Ponte Nova na Bahia. Auxiliado pelo pastor Jaime Wright, funda nessa cidade o Instituto Bíblico Ladel, onde jovens eram preparados para prestar exames, com o objetivo de ingressar nos Seminários Presbiterianos.<sup>5</sup>

Após sete anos de trabalho pastoral em Ponte Nova, o Supremo Concílio<sup>6</sup> da Igreja

Presbiteriana do Brasil (IPB) nomeia João Dias de Araújo para professor do Seminário Presbiteriano do Norte (SPN), localizado na cidade do Recife. Em janeiro de 1960, João Dias de Araújo e família muda-se para a cidade do Recife, onde assumira as cadeiras de Teologia Sistemática, História da Filosofia e Ética Cristã, e também o cargo de Deão<sup>7</sup> daquela instituição de ensino.

<sup>5</sup> Até a década de 1950, a Igreja Presbiteriana do Brasil contava com dois seminários. Um localizado na cidade de Campinas/SP (Seminário Presbiteriano do Sul) e outro na cidade do Recife/PE (Seminário Presbiteriano do Norte).

<sup>6</sup> “O Supremo Concílio da Igreja Presbiteriana ocorre quando os representantes de cada

presbitério (composto de dois pastores e dois presbíteros, que neste momento são nomeados de deputados), sob a chancela dos seus respectivos Sínodos, reúnem-se ordinariamente nos anos pares a cada quatro anos. Há também a possibilidade de reuniões do Supremo Concílio (SC) em caráter extraordinário.” (VILELA, 2014, p. 35).

<sup>7</sup> “O Deão geralmente é alguém escolhido entre os professores residentes no próprio seminário para acompanhar seu cotidiano, como possíveis necessidades dos estudantes que, em sua maioria, também residem no próprio seminário, e prezar pela ordem e disciplina interna.” (VILELA, 2014, p. 35).

## A responsabilidade social e o trabalho com a juventude

A responsabilidade social era uma perspectiva teológica presente no protestantismo brasileiro na década de 1950 e sua inserção deve-se ao teólogo norte-americano Richard Shaull. Esse missionário passou a desenvolver essa preocupação quando exercia a função de missionário protestante na Colômbia, ainda na década de 1940. Questionava o papel da Igreja e dos cristãos diante dos problemas de uma nação – pobreza, fome, subdesenvolvimento –, dificuldades comuns aos países da América Latina. Ao participar de alguns encontros com a juventude protestante, como a I Conferência Latino-Americana da Federação Universal de Movimentos Estudantis Cristãos (Fumec),<sup>8</sup> realizada no Brasil em 1952, Shaull afirmou observar nos jovens protestantes um crescente desejo por mudança, pois o país tinha socialmente uma configuração semelhante aos demais vizinhos da América Latina.

Ao iniciar sua atividade de docente no Seminário Presbiteriano de Campinas, em meados dos anos 1950, Shaull observa que boa parte dos seus alunos estava em uma “busca sequiosa de uma compreensão e experiência de fé que lhes oferecessem possibilidades de responder ao que enfrentavam nas suas próprias vidas e na sociedade” (SHAULL, 2003, p. 99).

Assim, na condição de seminarista, em Campinas, além de conhecer Shaull, João Dias de Araújo continuava a ter contato com os graves problemas da região Nordeste,

chegando a escrever alguns poemas denunciando as condições precárias dos grupos de retirantes, que, em busca de melhores condições de vida na região Sudeste, fugia da fome e da miséria.

Segundo o próprio João Dias de Araújo – na entrevista concedida ao historiador Márcio Ananias Ferreira Vilela em 14 de novembro de 2011 em Feira de Santana, Bahia –, autores da literatura nacional como Euclides da Cunha, José Luiz do Rêgo, Castro Alves, Tobias Barreto, dentre outros, foram importantes influências para desenvolver o seu pensamento crítico em relação às péssimas condições de vida da maioria da população. Já no campo teológico, as leituras das inúmeras obras de teólogos como Karl Barth e Reinhold Niebuhr em muito teriam contribuído para a sua formação.

Foi em 1962, já como professor do SPN, que propôs uma mudança no conteúdo teológico dos seminários, ou seja, desenvolver uma teologia aos moldes da realidade brasileira: “Os missionários nos deram esta base (teologia norte-americana), mas nós temos que nessa época buscar nossas origens.” Essa mudança nos programas implicava uma reformulação teológica:

*como é que vai escrever uma teologia sem conhecer o pensamento, as lutas e sofrimento do povo? Não é possível (Informação verbal).<sup>9</sup>*

Reformulação baseada na vivência do povo brasileiro, um pensamento latente aos

---

<sup>8</sup> Entidade internacional filiada ao Conselho Mundial de Igreja (CMI).

*Paralellus*, Recife, v. 6, n. 12, p. 237-250, jan./jun. 2015.

<sup>9</sup> Entrevista de João Dias de Araújo concedida ao historiador Márcio Vilela em novembro de 2011, Feira de Santana, Bahia.

problemas da população onde seria possível encontrar soluções para enfrentá-los.

Um dos maiores desafios de João Dias de Araújo quando professor do SPN era em relação às suas ideias, a ponto de outros líderes presbiterianos declararem que “não era o ideal para a IPB ter pastores e professores que tivessem o tipo de vida que João Dias de Araújo tinha”, segundo relatou na entrevista de 14 de novembro de 2011, concedida ao historiador Márcio Vilela em Feira de Santana, Bahia. Preocupados com as questões sociais, esses líderes acusavam João Dias de Araújo de pregar uma nova doutrina no Seminário, ou até mesmo de convencer os alunos a se tornarem marxistas. Muito provavelmente por causa disso, foi tachado de “modernista”<sup>10</sup> e acusado de querer minar as estruturas da Igreja com um discurso comunista. Assim, não era ideal ter pastores que tivessem a vida semelhante à de João Dias de Araújo em razão de ser ele favorável à participação ativa da Igreja nos problemas sociais e econômicos do País.

De fato, João Dias de Araújo tinha certa afinidade com as questões políticas e sociais. Citemos um exemplo de sua participação política em defesa dos movimentos agrários como as Ligas Camponesas na década de 1960. Por manter certa aproximação com o político e advogado Francisco Julião, líder das Ligas, em algumas ocasiões, solicitava-se que João Dias de Araújo elaborasse discursos para serem utilizados por Julião em diálogos com os camponeses:

<sup>10</sup> Termo utilizado por setores protestantes mais conservadores com o intuito de depreciar a imagem de alguns pastores que estavam ligados de alguma forma às lutas sociais e que entendiam a necessidade de a Igreja ter uma ação ativa diante dos problemas do Brasil.

Eu era da Igreja Presbiteriana da Encruzilhada, Recife, e Julião ficou sabendo que eu estava lá como pastor e ele pediu pra eu colaborar porque ele queria no discurso dele pro povo, não só do interior como na capital, ele queria citar importantes pensamentos bíblicos e religiosos cristãos, então ele pediu exatamente pra mim e pra um outro pastor metodista que era da equipe de D. Helder, que nós conseguíssemos uma lista de textos bíblicos que falasse sobre a questão social, aí lá vai e nós apresentamos os profetas Isaías, Daniel, Miqueias, Amós e Jeremias e Julião soltava esses nomes como disse o nosso grande profeta Amós, Oséias, falava pro público e os militares tomavam nota desses profetas, ‘vamos prender essa gente que essa gente tá falando coisa muito pesada’, eles não sabiam nem que era gente da Bíblia. Eu acompanhei tudo (SILVA, 2010, p. 197).

Nesse trecho da entrevista concedida à historiadora Elizete da Silva, em janeiro de 2007, disponível em seu livro *Protestantismo ecumênico e realidade brasileira*, observa-se como era próximo João Dias de Araújo dos líderes políticos em Pernambuco, a ponto de produzir textos a serem debatidos em reuniões das Ligas.<sup>11</sup> Outro exemplo dessa aproximação com o mundo político é quando declara seu apoio ao candidato a governador do estado de Pernambuco Miguel Arraes nas eleições de 1962. Afirma em suas memórias:

*fiz campanha pro Miguel Arraes, fui à televisão e falei que eu ia votar nele [...], por que este foi prefeito e fez bem para a cidade, então vou votar nele, e é o melhor candidato (Informação verbal).*<sup>12</sup>

Após a vitória de Arraes, João Dias de Araújo e outros líderes evangélicos foram

<sup>11</sup> Sobre a atuação de Francisco Julião e a organização das Ligas Camponesas em Pernambuco, ver Porfírio (2009).

<sup>12</sup> Entrevista de João Dias de Araújo concedida ao historiador Márcio Vilela em novembro de 2011, Feira de Santana, Bahia.

convidados para a posse em uma cerimônia no Palácio do Campo das Princesas, naquele momento residência oficial do chefe do Executivo estadual. Se a participação de João Dias de Araújo na vida pública era considerada bastante incômoda para aqueles

mais conservadores, o que dirão de sua atração aos estudos marxistas? Aliás, nesse momento, segundo o próprio João Dias de Araújo em suas memórias, cresce no Brasil o contato com os ideais marxistas (VILELA, 2014).

### “O jovem cristão e o jovem marxista”

A historiadora Elizete da Silva comenta a respeito dos fatores que contribuíram para que os jovens protestantes passassem a questionar o *status quo* da sociedade. Segundo a autora, isso se deve ao fato de que a “juventude, filha de famílias protestantes que ascenderam socialmente, começava a frequentar cursos universitários” (SILVA, 2010, p. 71). Assim sendo, a entrada desses jovens no meio acadêmico coincide com a aceitação cada vez maior da filosofia marxista. Boa parte da juventude protestante que ingressava nas universidades e tinha contato com essa filosofia procurava realizar uma associação com o cristianismo. Outros, porém, optavam por abandonar os ensinamentos doutrinários e passavam a adotar a dialética marxista como única verdade e saída para os problemas do País.

Seria o comunismo uma saída para os problemas da sociedade brasileira? Seria o marxismo uma filosofia a ser seguida pelos jovens protestantes? Ora, nesse momento vamos encontrar João Dias de Araújo preocupado em esclarecer os jovens sobre o marxismo. Ele passa a se dedicar à elaboração de estudos a respeito da filosofia marxista no mundo cristão. Como era muito próximo dos jovens, escreve alguns materiais importantes de como o jovem cristão deveria

comportar-se diante do desafio apresentado pelo comunismo.

Uma dessas literaturas é o folheto intitulado *O jovem cristão e o jovem comunista*, resultado de uma preleção feita no Congresso Nacional da Mocidade Presbiteriana em 1964. Nesse folheto João Dias de Araújo (1964, p. 2) ressalta que sua finalidade é “dar aos estudantes e aos jovens evangélicos oportunidade para estudar objetivamente o confronto entre o cristianismo e o comunismo”. Na terceira parte desse panfleto, o que ele denomina de *Pontos de contato entre o jovem cristão e o jovem comunista*, faz uma tentativa de mostrar características comuns entre os dois tipos de jovem, listando dez pontos de semelhança e divergências. A respeito desse folheto, João Dias de Araújo comenta na entrevista ao historiador Márcio Vilela:

*Você coloca as dez principais crenças e aspirações do jovem comunista de um lado, e compara com as dez crenças e aspirações que o jovem cristão deve ter [...]. Para você fazer ao país, melhorar a situação do nosso povo, você não precisa passar para o Partido Comunista. Você pode passar e a partir de um momento você fica sem o respaldo da Igreja, e sem o apoio dos próprios irmãos, então é melhor você continuar, porque Jesus Cristo tem muito mais contribuição que Marx para dar a nosso povo (informação verbal).*

Outro documento importante que trata a respeito do enfrentamento ao comunismo por parte do professor e pastor João Dias de Araújo ([196-]) é uma espécie de apostila elaborada para ministrar aulas na escola dominical, na nomeada Classe Filadélfia da Igreja Presbiteriana da Boa Vista (IPBV).<sup>13</sup> A apostila *Como o cristão deve encarar o comunismo?* apresenta-se como um manual de conhecimento básico a respeito da filosofia marxista. Na introdução da apostila, vemos um breve comentário acerca do crescimento dessa filosofia nos últimos cinquenta anos, e estava ganhando corpo no Brasil, visto que o cenário político-social favorecia o seu crescimento:

O Comunismo é uma das forças mais gigantescas que atuam no mundo de hoje. Com menos de 50 anos de história já domina grande parte da humanidade e caminha a passos largos, infiltrando-se como pode em todos os países do mundo. Quer queiramos, quer não, sentiremos o impacto do comunismo. Já o sentimos na América Latina de maneira clara. O Brasil é um dos maiores focos do comunismo, fora da cortina de ferro. Temos, como cristãos, de enfrentar franca e positivamente essa força. O comunismo é um sistema político e filosófico materialista, que visa à igualdade das classes nas bases da economia e da distribuição dos bens controlada pelo Estado (ARAÚJO, [196-], p. 4).

Os objetivos do referido estudo a respeito do marxismo seria para os alunos conhecerem a contribuição dessa filosofia para

o estudo da realidade social, e não para se tornar um adepto da filosofia:

*Nós precisamos conhecer o marxismo. Por que o marxismo tem uma proposta para nossa realidade. Mas nós temos que ver o outro lado. Cristo e o processo revolucionário brasileiro, não é só perguntar o que diz Marx, é o que diz Cristo. O que ele quis dizer quando falava da situação dos pobres. Quando ele deu atenção preferencial aos pobres. Ele não está dizendo alguma coisa que Marx disse em outros pressupostos, em outras filosofias? (Informação verbal).*<sup>14</sup>

Apesar de defender o estudo do marxismo, João Dias de Araújo sempre fazia questão de afirmar que não era um simpatizante dos conceitos marxistas e muito menos era filiado a algum partido comunista ou a qualquer grupo de esquerda. Na verdade, sua maior motivação em participar da vida social do país era o desejo de mudança na sociedade por meio dos debates promovidos pelo Setor de Responsabilidade Social da Confederação Evangélica do Brasil (CEB).<sup>15</sup>

Entretanto, podemos afirmar que esses estudos levaram os setores considerados mais conservadores da IPB a levantar a bandeira de que o pastor e professor seria um simpatizante do comunismo. Como citado anteriormente, sua participação na campanha de Miguel Arraes a governador de Pernambuco em 1962, somada à colaboração com os discursos utilizados pelo líder das Ligas Camponesas, e agora com a divulgação de materiais tidos como subversivos, fizeram de João Dias de Araújo

<sup>13</sup> É comum aos domingos nas igrejas protestantes realizarem as chamadas classes dominicais, onde são discutidos assuntos bíblicos que tratam dos aspectos espirituais e morais dos alunos. Diante da dificuldade de alguns jovens, muitos deles universitários, de não estarem participando das atividades dominicais, os líderes da IPBV resolveram criar essa classe que passaria a ser de responsabilidade de João Dias de Araújo.

<sup>14</sup> Entrevista de João Dias de Araújo concedida ao historiador Márcio Vilela em novembro de 2011, Feira de Santana, Bahia.

<sup>15</sup> A Confederação Evangélica do Brasil surge na década de 1930, agregando vários grupos protestantes (Igreja Presbiteriana e Luterana) que atuavam no Brasil.

uma pessoa que estaria corrompendo a juventude protestante e o corpo discente do Seminário. As acusações agenciadas contra o referido professor tornaram-se objeto de investigação por parte dos órgãos de repressão e segurança, como o Departamento

de Ordem Política e Social (Dops) e também pela própria IPB. Com o golpe civil-militar de 1964, a perseguição a membros e líderes das igrejas tornou-se mais frequente. João Dias de Araújo descreve esse período como uma nova inquisição, só que sem fogueiras.

## Perseguição e expulsão do SPN

Antes de 1964, já havia por parte da IPB certa pressão entre aqueles membros que debatiam acerca dos problemas sociais e políticos do País. Destacamos como primeira grande vítima das “fogueiras”<sup>16</sup> da IPB a própria Confederação Nacional da Mocidade Presbiteriana (CMP). Um dos motivos que levaram o Supremo Concílio da IPB a dissolver a Confederação foi o aprofundamento dos jovens nos debates relativos às causas sociais, seja em eventos, congressos, classes dominicais, seja até mesmo no seu principal veículo de informação, o jornal *Mocidade*. De acordo com João Dias de Araújo, dos temas abordados nesse periódico, podemos citar como recorrentes grandes críticas aos problemas sociais, assuntos ligados à evangelização de jovens, política nacional e problemas doutrinários da Igreja. Ao tratar determinados assuntos, “os jovens não tinham medo de criticar aquilo que achavam errado na Igreja e na sociedade” (ARAÚJO, 2010, p. 49).

Em 1960, o Supremo Concílio convocado em urgência aprova uma resolução (espécie de leis) que pretendia “reorganizar”

(leia-se dissolver) o trabalho da Mocidade Presbiteriana:

Quanto ao relatório do Secretário Geral da Mocidade, encaminhado plano de reestruturação da Mocidade, bem como parecer sobre o Departamento Estudantil, a Comissão Executiva resolve: (1) aprovar o relatório, expressando ao Secretário a apreciação desta Comissão Executiva pelo trabalho assíduo, consciencioso e competente com que orientou a Confederação da Mocidade Presbiteriana. (2) convocar uma reunião de presidentes de Sínodos e Secretários Sinodais da Mocidade para elaborarem um anteprojeto de reestruturação da Mocidade Presbiteriana do Brasil. (ARAÚJO, 2010, p. 53).

O que levou o jornal *Mocidade* a se tornar a primeira vítima da repressão foi, sem dúvida, a sua capacidade em debater os problemas sociais e posicionar-se politicamente no momento em que o Brasil passava por um turbilhão de ideias políticas. A ausência da maior parte da igreja nesses debates provocou nos jovens certa inquietação, porque eles “buscavam incessantemente superar a fragilidade, a desorientação e as dificuldades internas da comunidade religiosa, com vistas a formar uma reflexão sobre os problemas sociais e um programa de ação” (SILVA, 2010, p. 105). Em consequência dessa organização, João Dias de Araújo comenta que “a Velha Igreja sentiu-

<sup>16</sup> Este termo é utilizado por João Dias de Araújo como parte do título do seu livro *Inquisição sem fogueiras*, que teve a primeira edição publicada em inglês com o título *Inquisition without burning* (ARAÚJO, 1982).

se ameaçada pela Nova Igreja que surgia no final de um século de história” (ARAÚJO, 2010, p. 53-54).

Já tratamos anteriormente de que a discussão sobre a realidade nacional era uma temática recorrente entre os jovens protestantes nos anos 1960. Como resultado dessa preocupação em entender os problemas do Brasil, o Setor de Responsabilidade Social da Igreja (SRSI) organizou “quatro conferências nacionais com o objetivo de compreender a realidade do País e oferecer perspectivas a partir da visão protestante” (SILVA, 2010, p. 106). A mais conhecida realizou-se na cidade do Recife em 1962, intitulada *Cristo e o Processo Revolucionário Brasileiro*, ou popularmente conhecida por Conferência do Nordeste. João Dias de Araújo, que participou ativamente das discussões, ministrou uma conferência com o título *A Revolução do Reino de Deus – conteúdo revolucionário do ensino de Jesus sobre o Reino de Deus*. Investigando a sua conferência, podemos afirmar que essencialmente procurou “trazer subsídios e embasamento bíblico, com vistas à participação política dos evangélicos naquele período crítico da sociedade brasileira” (SILVA, 2010, p. 124).

O historiador Márcio Vilela, em recente trabalho apresentado como tese de doutoramento, realizou uma análise dos discursos e práticas da IPB entre os anos 1960 e 1970, listando sua participação no golpe e na colaboração com o regime. Em relação ao grupo que se envolvia com os problemas sociais, sugere:

Depois do golpe civil-militar de 1964, [...] esse grupo que trabalhava e defendia uma teologia associada ao Evangelho Social perderá força e

será isolado ou expulso da IPB. Desse modo, tornando-se hegemônica na instituição uma visão teológica que primava pelo afastamento da igreja das questões sociais, fazendo com que sua única preocupação caísse na conversão e consequente salvação da alma. (VILELA, 2014, p. 11).

Era preciso que essas pessoas vistas como inconvenientes por setores considerados conservadores fossem retiradas da IPB, sendo João Dias de Araújo um desses. Em Recife, destacou-se nas denúncias contra João Dias de Araújo o pastor Israel Gueiros da Igreja Presbiteriana Fundamentalista.<sup>17</sup> Nos primeiros dias após o golpe, Israel, utilizando-se de programa semanal na Rádio Clube, propagandeou uma série de fatos cujo objetivo era acusar e enquadrar João Dias de Araújo como subversivo. Sobre esse episódio, lembrou João Dias de Araújo na entrevista concedida ao historiador Márcio Vilela:

*O Israel Gueiros tinha um programa de rádio, [...] e numa das meditações dele nos sábados a tarde ele falou assim: ‘No Seminário Presbiteriano do Norte há um professor de teologia marxista, é o Reverendo João Dias de Araújo de Araújo’. Isso em pleno golpe! (risos). Eu tive que me esconder do DOPS. [...] Por causa disso eu fui chamado a vários lugares, pelo menos no DOPS me chamaram para explicar o porquê disto (informação verbal).*

Rememora João Dias de Araújo que outra ação, provavelmente ligada ao grupo no qual circulava Israel Gueiros, foi uma pichação nos muros da Igreja Presbiteriana da Boa Vista, como represálias ao fato de João Dias de Araújo ter ministrado aulas ali. No primeiro domingo de abril de 1964, os muros da igreja foram pichados com a frase: “Esta igreja é

<sup>17</sup> A Igreja Presbiteriana Fundamentalista surgiu em Pernambuco na década de 1950 após uma série de discordâncias teológicas, levando Israel Gueiros a romper com a IPB.

comunista.” Outra documentação também faz referência à atuação de João Dias de Araújo na referida classe. Em um informe do Centro de Informações da Marinha (Cenimar) consta que, “em vez de estudo da Bíblia e das doutrinas cristãs, a classe tinha-se transformado em núcleo para discussão de assuntos políticos, sociais e econômicos, sobre as reformas de que o Brasil precisa”.<sup>18</sup>

Fazendo ainda uso das memórias de João Dias de Araújo, ele relata que outro pastor da IPB, Augustus Nicodemus da Primeira Igreja Presbiteriana do Recife, atuava observando as suas pregações. A intenção de Nicodemus era mapear todas as “heresias” que o pastor estava cometendo:

*Me convidaram para fazer uma palestra no Recife. Particpei de uma reunião ‘A Bíblia e a Reforma Agrária’. [...] Foi o primeiro Encontro Evangélico Nordestino [...]. Então esse Nicodemus estava lá, ele ouviu meu curso todo, assistiu e depois ele falou: ‘vamos lá para saber o que João Dias de Araújo vai dizer, temos que está atrás dele para saber o que ele vai dizer, para esse povo evangélico daqui’. Tinha várias denominações. Uma pessoa veio me falar depois: ‘eu perguntei ao Augusto Nicodemos se ele tinha alguma restrição ao que você falou na palestra’. Ele respondeu: ‘Com o João Dias de Araújo agente precisa tomar muito cuidado, não é tanto o que ele fala, mais o que ele não fala!’ (Informação verbal).<sup>19</sup>*

Ao mesmo tempo, quando investigamos o prontuário n.º 16.453, localizado nos arquivos do Dops/PE, poderemos mapear as preocupações dos aparelhos da repressão ao observar, de perto,

as ações daquele que era considerado um elemento esquerdista. A transferência de João Dias de Araújo para o SPN em 1960 já havia sido relatada com preocupação pelas autoridades policiais, tendo em vista a sua tendência em propagar filosofias subversivas entre os alunos:

Chegou ao Recife em princípios do ano de 1960 procedente da Cidade de Salvador – Baía (sic!), para servir como professor no Seminário Presbiteriano do Norte. Adianta um dos relatórios que o prontuário tem demonstrado tendências socialistas. Como professor do Seminário conseguiu entusiasmar os alunos com pregações subversivas.<sup>20</sup>

Em outro documento intitulado *Histórico do Movimento “União Cristã de Estudantes do Brasil”*, produzido pelo Cenimar, João Dias de Araújo é tratado como um dos articuladores da infiltração esquerdista nos movimentos estudantis protestantes:

O Rev. Prof. JOÃO DIAS DE ARAÚJO é um dos principais mentores do movimento acima descrito, no âmbito nacional e, praticamente, o único representante da liderança do mesmo no NORTE e NORDESTE brasileiro. É conhecido, acatado e louvado com tal expressão pelas forças da esquerda, que fazem promoção inflacionada dos seus méritos, de sua cultura, de sua inteligência, como estratégia para conseguir, por meio dele, penetração em organizações e meios culturais, estudantis, religiosos e políticos.<sup>21</sup>

Nesse momento, alguns poucos que se levantaram para defender João Dias de Araújo desafiaram as estruturas conservadoras da IPB. Isso fica de certa maneira evidenciado em uma moção de apoio feita pela União da Mocidade da Igreja

<sup>18</sup> Informe secreto do Comando do 3º Distrito Naval (Estado Maior – 2ª Seção). Recife, 27 out. 1965.

<sup>19</sup> Entrevista de João Dias de Araújo concedida ao historiador Márcio Vilela em novembro de 2011, Feira de Santana, Bahia.

<sup>20</sup> Prontuário n.º 16.453, de 30 de outubro de 1965. Arquivos do Dops/PE.

<sup>21</sup> Informe secreto do Comando do 3º Distrito Naval (Estado Maior – 2ª Seção). Recife, 27 out. 1965.

Presbiteriana de Areias em Recife. Ao que podemos constatar, esse apoio foi significativo; não foi por acaso que foi lembrado por João Dias de Araújo em uma das suas entrevistas:

*O que ele ensina para nós é a doutrina da igreja, [...] agora ele faz aplicações na vida dele mesmo, prática, sobre como ele deve agir em relação aos trabalhadores rurais, aos retirantes, e qual posição ele toma diante da realidade que vivemos aqui, na nossa região (Informação verbal).<sup>22</sup>*

Uma carta de apoio do pastor e professor Thomas Folley, reitor do SPN, destinada à Secretaria de Segurança Pública de Pernambuco em 1966, descreve a preocupação em esclarecer as autoridades policiais sobre o trabalho desenvolvido por João Dias de Araújo no SPN: “O Rev. João Dias de Araújo merece de minha parte plena e irrestrita confiança, tanto particularmente, como membro que sou da missão Presbiteriana no Norte do Brasil, e também como Reitor do Seminário Presbiteriano do Norte.”<sup>23</sup>

A soma de acusações levantadas contra aquele professor parece mesmo ter contribuído para a sua expulsão do SPN no início do ano letivo de 1970. Entretanto, a disputa com a IPB não terminara com o seu desligamento das funções de docente. Ele recorreu à Justiça do Trabalho para garantir uma série de direitos trabalhistas que não foram respeitados.

---

<sup>22</sup> Entrevista de João Dias de Araújo concedida ao historiador Márcio Vilela em novembro de 2011, Feira de Santana, Bahia.

<sup>23</sup> Prontuário n.º 16.453, 30 out. 1965. Arquivos do Dops/PE

## A Justiça do Trabalho

O Sínodo de Pernambuco,<sup>24</sup> ao qual João Dias de Araújo estava subordinado, também procurou expulsá-lo das funções de pastor, atividade que naquele momento exercia na Igreja Presbiteriana da Encruzilhada, um bairro da zona norte do Recife. A proposta que circulou tinha como objetivo solicitar ao Supremo Concílio o desligamento do reverendo, pois seria ele prejudicial ao crescimento da IPB. Posta em votação, 13 representantes dos presbitérios foram favoráveis à proposta e 13 contrários, o que coube ao pastor Noé de Paula Ramos, presidente do Sínodo, sufragar em favor de João Dias de Araújo.

Em 1970, Boanerges Ribeiro, presidente da IPB, foi pessoalmente ao SPN pedir a saída de João Dias de Araújo do cargo de professor. Nesse momento João Dias de Araújo teria perguntado a respeito do real motivo pela qual a Igreja tomava aquela atitude: “Afinal de contas, porque eu estou saindo do seminário? Eu nunca ensinei nenhuma doutrina nas minhas aulas contra a doutrina da Igreja Presbiteriana.”<sup>25</sup> Tais alegações não foram suficientes para garantir a sua permanência naquela instituição de ensino.

Impossibilitado de ministrar aulas no SPN, e tendo alguns direitos trabalhistas desrespeitados, João Dias de Araújo recorre à 9.ª Junta de Conciliação e Julgamento do

Recife em 1972.<sup>26</sup> Em suas memórias, narra João Dias de Araújo que uma série de falsas acusações foram apresentadas nas várias audiências realizadas na Justiça do Trabalho. Um desses depoimentos foi elaborado pelo pastor Ezildo Vale, conforme a referida entrevista concedida ao historiador Márcio Vilela em Feira de Santana, Bahia:

*Chamaram um pastor, meu colega e amigo, foi meu aluno para testemunhar contra mim. O juiz ficou sempre do meu lado, [...] o juiz do trabalho tem que ser a favor do trabalhador. Então ele começou a fazer gozação com o rapaz que ia pra dizer que a igreja estava certa. Chegou o pastor Ezildo Vale, gente simples, pastor medíocre no sentido intelectual, foi chamado de Moreno onde trabalhava no almoxarifado do Exército. O juiz pergunta: ‘senhor Ezildo o senhor conhece este professor aí?’ Ele responde: ‘conheço, foi meu professor, etc.’ ‘O senhor acha que ele é comunista?’ ‘É, eu ouvir falar isso lá onde eu trabalho [...] no almoxarifado do IV Exército (Informação Verbal).*

Afirma João Dias de Araújo que o advogado designado para representar a IPB, Athos Vieira de Andrade, chegou a concordar que o reclamante tinha de fato vários direitos trabalhistas assegurados. Ao mesmo tempo, a IPB reconhecia que o processo era indevido, já que não cabia ao Estado intervir em questões eclesiais, pois a Igreja tinha os próprios tribunais.

<sup>24</sup> Sínodo é o termo para designar a estrutura máxima da Igreja Presbiteriana do Brasil em termos estaduais.

<sup>25</sup> Entrevista de João Dias de Araújo concedida ao historiador Márcio Vilela em novembro de 2011, Feira de Santana, Bahia.

<sup>26</sup> No acervo da Justiça do Trabalho da 6ª Região não localizamos o processo movido por João Dias de Araújo. As informações citadas neste artigo foram retiradas de partes do processo que estavam sob a guarda do reclamante.

Em um folheto produzido por um líder da IPB Misael Vasconcelos, residente na cidade do Recife, intitulado *O “porque” de um professor ter levado a Igreja Presbiteriana do Brasil à Justiça do Trabalho*, distribuído entre os presbiterianos, justificava os motivos pelos quais a IPB não aceitava como legítimo aquele processo trabalhista. Afirmava que, na reunião do Supremo Concílio de 1961, ficou decidido o seguinte: “declara que não reconhece nenhum cargo confiado a ministro da IPB como emprego de salário, e, sim como oportunidade e privilégio de exercer uma vocação dada pelo Espírito Santo.” (VASCONCELOS, 1975, p. 6). Criou-se, portanto, uma situação inusitada, tendo em vista que o próprio advogado Athos Vieira de Andrade afirmou que essa decisão tomada pela Igreja em 1961 não interferia diretamente no caso em questão. João Dias de Araújo, na entrevista ao historiador Márcio Vilela em 14 de novembro de 2011, relembra a posição daquele advogado do seguinte modo:

*Não é a questão do professor e da igreja, é da empresa que contratou um empregado, e para colocar fora esse empregado tem que ir lá na rescisão*

## Conclusão

O estudo dessa trajetória nos permite pensar sobre a complexidade teológica, política e social presente nas relações instituídas pela Igreja Presbiteriana do Brasil. Quando refletimos sobre a IPB não podemos entendê-la como um corpo homogêneo, sendo fundamental problematizar os conflitos existentes. Neste artigo discutimos um dos casos representativo desses embates, ocorrido com o pastor e professor João Dias de Araújo. A sua análise possibilita-nos

*de contrato dele. [...] Se não fizerem de acordo com a lei, só tem uma solução agora, vocês estão devendo cinco anos de salário, tem que se fazer um acordo! (Informação Verbal).*

Ao fim deste processo trabalhista, em 16 de abril de 1975, João Dias de Araújo foi readmitido em suas funções de professor do SPN e indenizado por determinação da Justiça do Trabalho. Todas as inúmeras acusações que pesavam contra o professor, dentre elas a de ser comunista, não impediram que a Justiça do Trabalho negasse os direitos assegurados em lei. Isso é importante mencionar, tendo em vista que acusações como essa, muitas vezes, interferiam negativamente nas decisões judiciais. Segundo o historiador Antonio Torres Montenegro (2011), durante o regime civil e militar, a intensa luta por direitos sociais, muitas vezes, era nomeada por setores dominantes (patrões e advogados) como subversão e incitamento à desordem.

concluir como a atuação da Igreja, em relação a pastores e professores de seminários, estava mediada por categorias que dialogavam - em alguns aspectos - com práticas estabelecidas pelo estado de exceção, construídas a partir do golpe civil e militar de 1964. Por meio dos documentos produzidos é possível perceber como se tentou associar a imagem do comunismo a aquele personagem e assim desqualificar as suas demandas trabalhistas. Essa era uma

prática política e social utilizada pelo governo militar para incriminar aqueles considerados seus opositores, tendo sido apropriada por

outros segmentos da sociedade, como setores da Igreja Presbiteriana do Brasil.

## Referências

AGAMBEN, Giorgio. **O que é contemporâneo?: e outros ensaios**. Chapecó, SC: Argos, 2009.

ARAÚJO, João Dias de. **Como o cristão deve encarar o comunismo?:** [Apostila]. Recife: [s.n., 196-].

\_\_\_\_\_. **Inquisition without burning**. Translation James N. Wright. Rio de Janeiro: Iser, 1982.

\_\_\_\_\_. **Inquisição sem fogueiras**. 3. ed. São Paulo: Fonte Editorial, 2010.

\_\_\_\_\_. **O jovem cristão e o jovem comunista**. Recife: Edipres, 1964. v. 1.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Org.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

\_\_\_\_\_. **A ordem do discurso**. 14. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

FRANK, Joseph. **Dostoiévski: os anos de provação, 1850-1859**. São Paulo: Edusp, 1999.

MONTENEGRO, Antonio Torres. Ação trabalhista, repressão policial e assassinato em tempo de regime militar. **Revista Topoi**, v. 12, n. 22, jan.-jun. 2011.

PORFÍRIO, Pablo. **Medo, comunismo e revolução: Pernambuco 1959-1964**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2009.

REVEL, Jacques. Microanálise e construção do social. In: \_\_\_\_\_ (Org.). **Jogos de escalas: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1998. p. 15-39.

SHAULL, Richard. **Surpreendido pela graça: memórias de um teólogo: Estados Unidos, América Latina, Brasil**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

\_\_\_\_\_. **O cristianismo e a revolução social**. São Paulo: UCEB, 1953.

SILVA, Elizete da. **Protestantismo ecumênico e realidade brasileira: evangélicos progressistas em Feira de Santana**. Feira de Santana: Ed. da UEFS, 2010.

VASCONCELOS, Misael de Albuquerque. **O “porque” de um professor ter levado a Igreja Presbiteriana do Brasil à Justiça do Trabalho**. Recife: 1975.

VILELA, Márcio Ananias Ferreira. **Discursos e práticas da Igreja Presbiteriana do Brasil durante as décadas de 1960 e 1970: diálogos entre religião e política**. 2014. Tese (Doutorado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2014.

Recebido em 07/05/2015.  
Aceito para publicação em 01/06/2015.